

# O LEGADO FREUDIANO NA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO: A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA NOS PLANOS ONTOGENÉTICO E FILOGENÉTICO

Veridiana Domingos Cordeiro<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo busca demonstrar em que medida as indicações freudianas sobre a articulação entre os planos ontogenético e filogenético foram levadas a cabo por Max Horkheimer e Theodor Adorno em a *Dialética do Esclarecimento*. Para tal, se empenhou em reconstruir grande parte dos argumentos da *Dialética do Esclarecimento*, evidenciando a importância da memória na obra. Essa reconstrução foi amparada pelos conceitos freudianos ligados à memória (*repetir, recalcar e elaborar*), uma vez que a psicanálise é uma das influências teóricas dos escritos frankfurtianos. As conclusões indicam a conformação do plano filogenético sobre o plano ontogenético, sendo que ambos passam por processos semelhantes no que se refere à formação do Eu. A memória apareceria em Freud e Adorno e Horkheimer, correlativamente, como sendo *repetição - recalque - reelaboração*, correspondendo, cada uma dela, às estruturas do Eu.

**PALAVRAS-CHAVE:** memória, Freud, *Dialética do Esclarecimento*, Adorno.

**ABSTRACT:** This article aims to demonstrate in which ways Freud's statements about the relationship between ontogenetic and phylogenetic plans were carried out by Max Horkheimer and Theodor Adorno in the *Dialectic of Enlightenment*. To do this, it was necessary to rebuild many of the arguments of the *Dialectic of Enlightenment*, emphasizing the importance of memory in that book. This reconstruction was supported by Freudian concepts related to memory (*repeat, repression, and working-through*), because the psychoanalysis is one of the theoretical influences of the Frankfurt School writings. The findings indicate the conformation of phylogenetic background on the ontogenetic level, in specially in what it refers to the formation of what is concerned both of which undergo similar processes with regard to the formation of the Ego. The memory appears in Freud and Adorno and Horkheimer, correspondingly, as *repeat - repression - elaboration*, as the three structures of Ego.

**KEYWORDS:** memory, Freud, *Dialectic of Enlightenment*, Adorno.

## INTRODUÇÃO

A partir de uma obra filosófica histórica, Theodor Adorno e Max Horkheimer, em a *Dialética do Esclarecimento*, reconstróem o curso da civilização ocidental, a fim de construir, a um só tempo, uma crítica do sujeito moderno, uma crítica da razão e uma crítica social. Assim, o percurso argumentativo da citada obra busca demonstrar como a civilização moderna superou o comportamento mimético, controlando os instintos primevos individuais e chegando à prática racional.

O objetivo principal deste trabalho é se debruçar sobre a *Dialética do Esclarecimento* a fim de demonstrar a hipótese de que grande parte dos argumentos do livro são desenvolvimentos a partir de conceitos e indicações de pesquisa levantados por Sigmund Freud, em vários textos (como *O Inconsciente* e *Sobre o Narcisismo*, mas, sobretudo em *O Mal-Estar na Civilização*), nos quais ele transcende o ambiente da

<sup>1</sup> Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, mestranda do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e pesquisadora bolsista pela CAPES. Email: veridiana.cordeiro@usp.br

clínica para traçar hipóteses e conclusões que dizem respeito à história da civilização e da cultura. Nestes textos, Freud levanta problemáticas referentes à possível articulação dos planos ontogenético<sup>2</sup> e filogenético<sup>3</sup>, que podem ser verificadas nos trechos justapostos a seguir:

Somos obrigados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o princípio, o ego teve que ser desenvolvido (FREUD, 1984a, p. 74 – *tradução nossa*).

Uma reflexão mais apurada nos diz que o sentimento do ego do adulto *não pode ter sido o mesmo desde o início. Deve ter passado por um processo de desenvolvimento* [grifos próprios], que, se não pode ser demonstrado, poderia ser construído com certo grau de probabilidade (FREUD, 1986a, p. 67 – *tradução nossa*).

A analogia entre o processo civilizatório [filogenético] e o caminho do desenvolvimento individual [ontogenético] é passível de ser ampliada. Pode-se afirmar que a comunidade também pode desenvolver um superego sob cuja influência se produz a evolução cultural. É uma tarefa tentadora, para aqueles que estudam as civilizações humanas, acompanhar com mais cuidado essa analogia (FREUD, 1986a, p. 136 – *tradução nossa*).

Todas essas problematizações levantadas por Freud são passíveis de sintetização sob a seguinte questão: *o processo de maturação normal do indivíduo (relativo ao plano ontogenético) seria semelhante ao desenvolvimento da civilização/cultura (relativo ao plano filogenético)?* A negação desta pergunta levaria à ideia de essencialização do homem, ao passo que sua aceitação questionaria tal maturação essencial do homem, levando à ideia de que ele é historicamente influenciado e/ou reatualizado. De acordo com as citações acima, Freud parece estar inclinado a aceitar este questionamento, o que o levaria a um segundo problema enunciado no trecho abaixo:

Se quisermos saber qual o valor da nossa opinião de que o desenvolvimento da civilização constitui um processo comparável à maturação normal do indivíduo, temos que atacar o problema. Devemos perguntar-nos a que influência o desenvolvimento da civilização deve sua origem, como ela surgiu e o que determinou o seu curso (FREUD, 1986a, p. 96 – *tradução nossa*).

O que, em síntese, equivaleria a perguntar, *qual a influência que desempenhou o desenvolvimento da civilização/cultura no processo de maturação do indivíduo?*

Podemos argumentar que Freud iniciou sua preocupação com a *historicidade da construção do Eu (maduro)*, em textos anteriores às proposições feitas em *O Mal-Estar na Civilização*. Encontramos, por exemplo, o início de tais inquietações em um

<sup>2</sup> Termo derivado de ontogenia, advindo da biologia com o sentido de processo evolutivo das alterações biológicas de um indivíduo. O termo no repertório de Freud ganha o sentido de desenvolvimento do homem e suas estruturas psíquicas.

<sup>3</sup> “É atribuído à filogênese tudo aquilo que, na vida, psíquica, não pode ser explicado mediante o recurso à experiência individual. Freud, dirá, certamente, que antes de atribuir determinado fator à herança filogenética, é preciso ter esgotado as possibilidades de explicação pela ontogênese, isto é, pela história individual” (MEZAN, 1997, p. 548).

texto de 1905, *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, no qual o questionamento acerca da historicidade do Eu começa a ser esboçado:

A ontogênese pode ser considerada como uma reatualização da filogênese, na medida em que esta última não tenha sido modificada por experiências mais recentes. A disposição filogenética pode ser vista como um trabalho que está por detrás do processo ontogenético. Porém, a disposição é, no limite, a sedimentação de experiências anteriores da espécie, as quais as experiências mais novas do indivíduo vêm a se somar como soma de fatores acidentais. (...) Junto à sua fundamental dependência da investigação psicanalítica, tenho que destacar, como característica deste meu trabalho, sua deliberada independência a respeito da investigação biológica (FREUD, 1976b, p. 118 – *tradução nossa*).

Por mais que Freud empregue termos advindos da biologia (*ontogênese* e *filogênese*) podemos argumentar que o *sentido* de seu uso é consonante ao de *antropologia* (em referência ao primeiro) e de *sociedade/comunidade* (em referência ao segundo). Em relação ao último, parece clara a concepção que Freud tem de sua formação processual ao longo do tempo, evocando, com isso, a ideia de *história/historicidade*. Parece que para Freud, o desenvolvimento do *homem* (ontogênese/antropologia) é condicionado e/ou reatualizado pelo desenvolvimento societário/comunitário histórico que, por sua vez, só se manifesta (aí, então, de maneira cristalizada) nesse desenvolvimento do próprio homem. É importante a posição de afastamento que Freud toma em relação à biologia, pois, assim, seu plano argumentativo caminha apenas na direção do desenvolvimento histórico – e não da evolução biológica. Contudo, a dimensão do homem (ontogenética) é aquela em que a contribuição de Freud e da teoria psicanalítica é a mais pungente.

Freud divide a unidade tradicional do Eu em três grandes camadas, das quais aquela que tradicionalmente foi atribuída à razão (o elemento caracterizador e diferenciador do homem) é sujeitada por várias vezes às outras camadas dessa estrutura psíquica que são anteriores à própria razão. Assim, a razão apareceria nas formulações de Freud sob o termo *consciência*; fenômeno que seria central na consolidação do Eu, o qual tem como base outros elementos constituintes (por exemplo, o elemento central da memória, sobre o qual discorreremos melhor ao longo do texto). Desta maneira, pode-se sentir que os desenvolvimentos teóricos da psicanálise de Freud são, também, duras críticas à crença tradicional da razão humana (que procura dominar/assenhorar-se do mundo pelo cálculo, como defende Max Weber). A tradição desta crença consolidada do indivíduo pode ser identificada a uma *metafísica da razão* que se transforma em *metafísica do indivíduo*, já que este seria o portador da razão.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Há outra forte crítica paralela (que não exploraremos aqui, contudo válida sua menção) foram as críticas filosóficas de Nietzsche a toda metafísica, sobretudo do indivíduo, tirando a razão da posição central e incluindo o seu contrário, o elemento irracional que seria a Vontade. Tanto em Freud, quanto em Nietzsche, a Razão estaria subordinada a alguma Vontade/desejos/pulsões, sendo historicamente construída.

Desta maneira, notamos grande semelhança entre o pano de fundo dos objetivos de Adorno e Horkheimer e os textos freudianos. Fomos levados, assim, à hipótese subsidiária de que Adorno e Horkheimer parecem ter levado à frente essas indicações de pesquisa freudianas ao elaborar uma crítica à metafísica do indivíduo, construindo assim uma crítica da razão – e foi a isso que se deveu a obra sobre a qual este trabalho se debruça. A releitura da *Dialética do Esclarecimento*, tentando rastrear as indicações freudianas de uma possível articulação dos planos ontogenético e filogenético, será construída a partir de um enfoque especial: a compreensão da importância que o binômio memória/esquecimento teve na construção da crítica do sujeito moderno. Assim, a intenção é percorrer o argumento central da *Dialética do Esclarecimento* a fim de demonstrar como, em alguma medida, Adorno e Horkheimer desenvolveram muitas das indicações e conceitos freudianos.

#### **MEMÓRIA/ESQUECIMENTO EM UM MOMENTO ANTERIOR À CONSCIÊNCIA: A REPRESSÃO DOS INSTINTOS E DA MIMESE**

Cotejando Freud e Adorno e Horkheimer, é possível perceber que a estruturação de ambos os argumentos se torna complementar e mais satisfatória para a evidência do papel da *memória*, que embora esteja aparentemente oculta em Adorno e Horkheimer, na verdade, está por trás de toda a fundamentação freudiana e deve ser levada em conta para a compreensão do surgimento do indivíduo moderno apontado pelos autores frankfurtianos. É interessante notar que memória e indivíduo sofrem processos de influência mútua, nos quais os regimes mnemônicos cambiam de acordo com a formação do indivíduo moderno.

Em linhas gerais, Freud insiste que há algo no sujeito que é anterior ao advento do Eu e que permitiu o desenvolvimento de uma personalidade coerente capaz de gerar vontades autônomas. Esse algo se refere a um corpo libidinal polimórfico que orienta a conduta do Eu a partir da procura de satisfação de pulsões pré-egóicas, isto é, impulsos que não respondem à hierarquia funcional de uma completa unidade existente, como é o caso do Eu. Essa unidade só seria possível de ser adquirida quando o sujeito internaliza a representação social de um princípio de conduta e coerência. Este mecanismo de pressão não se encontra presente desde sempre, mas, sim, requer uma separação entre atividade consciente e inconsciente que se inicia em algum momento histórico pelo surgimento de novas necessidades externas ao indivíduo. A citação abaixo ilustra a suposição de Freud acerca do surgimento das necessidades que levariam à formação do inconsciente, que seria fruto da repressão e do recalque:

Se considerarmos a origem do superego bem como descrevemos, devemos reconhecer que isso é o resultado de dois importantes fatores, um de natureza biológica e outro de natureza histórica [...] de acordo com o fenômeno mencionado, o qual parecia

peculiar ao homem, é uma herança do desenvolvimento cultural que foi necessitado pela era glacial (FREUD, 1984b, p. 37 – *tradução nossa*).

A situação histórica hipotética<sup>5</sup> teria sido a passagem de um momento em que não era necessária a repressão dos impulsos para outro em que ela teria se tornado. Assim, o primeiro momento diz respeito ao domínio dos instintos sobre o homem –entendendo instintos na acepção freudiana (a qual será assim considerada por Adorno e Horkheimer) como “uma expressão da natureza *conservadora* da substância viva” (FREUD, 1976a, p.36 – *tradução nossa*). Este seria o momento da pura identificação entre o homem (que ainda não se tornou um indivíduo/consciente) e o mundo, ou seja, um momento de completa indiferenciação entre o domínio interior da subjetividade e o domínio exterior da objetividade. Neste momento de pura identificação as palavras ainda têm poder, significante e significado ainda não estão dissociados, a magia e a simpatia ainda são poderes e a experiência cognitiva se dá pelo analogismo denominado por Adorno e Horkheimer de *mimese*. A *mimese* implicaria em *repetições*, pois se mantidas as mesmas condições, a “entidade viva” não teria motivos para mudar, ela “não faria mais do que *repetir*, constantemente, o mesmo curso de vida” (FREUD, 1976a, p.38 – *tradução nossa*). A ideia de repetição é abordada por Freud em seu texto *Repetir, recordar e elaborar*, como sendo uma espécie de regime mnemônico que teria relação direta com o “predicado de ser instintual”, refere-se a um movimento de resistência à consciência (FREUD, 1986c).

O rompimento desse traço de indiferenciação seria possibilitado pelo câmbio de situações externas. A situação de escassez material, que passa a existir após a passagem da era glacial<sup>6</sup> impõe ao homem a necessidade de sobrevivência e, assim, de se *conservar* (buscar a *autoconservação*): “o que funda o seu ser é sempre a destruição virtual do sujeito a serviço do qual ele ocorre, pois a substância dominada, reprimida e dissolvida pela auto conservação nada mais é senão o ser vivo” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 54). Para que o homem seja bem sucedido, é necessário que ele se associe com seus semelhantes. A necessidade de conviver com os outros leva o homem a ter que controlar seus impulsos<sup>7</sup>, como condição para a existência da sociedade.

Desde o princípio, tem-se no processo da constituição da maturação do Eu, o condicionamento do desenvolvimento histórico societário. Os elementos que virão a construir a razão são produzidos neste processo repressivo que é imposto ao homem

<sup>5</sup> Em que ele identifica na passagem acima como “era glacial”, mas que em *A interpretação dos Sonhos, Totem e Tabu, Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade e Resistências à Psicanálise*, Freud denomina “pré história” ou “tempos primitivos”.

<sup>6</sup> Cabe ressaltar que aquilo que é relevante, no fundo, é o ambiente que o eu vem a se desenvolver, que é um ambiente de escassez material, independentemente da passagem natureza-cultura proposta por Freud.

<sup>7</sup> Vale salientar que haveria uma equivalência de termos entre “instintos” utilizado por Adorno e Horkheimer e “impulsos” utilizado por Freud: “então que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, que restaura um estado anterior de coisas, impulso este que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas (FREUD, 1984b, p. 36 – *tradução nossa*).

pela necessidade de socialização. A repressão dos instintos tem por finalidade evitar que os instintos se tornem conscientes – de modo que um instinto, segundo Freud, nunca pode ser objeto da consciência (nem do inconsciente) de maneira direta, apenas a ideia que o representa pode sê-lo. Assim, o que fundamentalmente é reprimido é a *compulsão à repetição*: “é claro que, na maioria das vezes, a compulsão à repetição [...] traz à luz as operações de movimentos punccionais reprimidos” (FREUD, 1976a, p. 20 – *tradução nossa*). Freud chega a conceber a compulsão à repetição como um princípio mais primitivo que o próprio princípio de prazer<sup>8</sup>, um princípio da própria entidade orgânica: “a compulsão à repetição também rememora do passado, experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos” (FREUD, 1976a, p. 20 – *tradução nossa*). Vale notar que após a repressão, as ideias inconscientes não deixariam de existir, mas, sim, continuariam recalçadas no inconsciente, pois, diferentemente das emoções, as ideias seriam “catexias, basicamente traços de memória” que foram recalçados. (FREUD, 1986c, p. 174 – *tradução nossa*). Dado que instintos têm ligação direta com o movimento de repetição, vale notar que quando há/houve a situação em que a repressão dos instintos foi necessária, tornando-os inconscientes, a repetição seria igualmente recalçada para o inconsciente. Teríamos assim, o Ego como uma unidade organizada e governada pela razão e o Id como impulsos desorganizados que liberam os impulsos “naturais” do homem: “o fato decisivo é que o ego é uma organização e o id não” (FREUD, 1986b, p. 93 – *tradução nossa*). Este é o momento de fundação do Ego com sua tripartição (consciência, inconsciência e pré consciência) capaz de colocar em curso outros regimes mnemônicos, que embora estivessem em estado potencial, não eram operados pelo homem primitivo.

\*\*\*

Essa construção do indivíduo moderno, de acordo com as demonstrações acima, a partir dos escritos freudianos, só foi possível a partir de uma mudança nos regimes mnemônicos (que implicou na repressão da *repetição*), que por sua vez foi fruto da passagem de um momento de não consciência para consciência. Esse movimento foi demonstrado por Adorno e Horkheimer a partir da análise da Odisseia. Na Odisseia pode ser verificada a passagem, já iniciada, de um momento no qual não há consciência e o pensamento é mimético para um momento de formação de um agente racional consciente. O protagonista Ulisses é um agente racional (consciente) que se aventura em um mundo ainda indiferenciado, no qual não há separação entre sujeito-objeto.

<sup>8</sup> “O mundo pré-histórico está secularizado no espaço que ele atravessa, os antigos demônios povoam a margem distante e as ilhas do Mediterrâneo civilizado, forçados a retroceder à forma do rochedo e da caverna de onde outrora emergiram no pavor dos tempos primitivos” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 49).

Esse mundo “primitivo”, “pré-histórico” pelo qual Ulisses atravessa é o mundo do *mito*. O mundo mitológico está fadado, como já foi demonstrado a partir de Freud, à *repetição* e à *mimese*: “cada uma das figuras míticas está obrigada a fazer sempre a mesma coisa. Todas consistem na *repetição*” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 56).

A escolha, por Adorno e Horkheimer, da Odisseia é acertada, pois nela já é possível se observar traços comuns ao racionalismo da sociedade burguesa; “nenhuma obra presta um testemunho mais eloquente do entrelaçamento do esclarecimento e do mito do que a obra homérica, o texto fundamental da civilização europeia” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 49) – sendo que fundamental, aqui, é no sentido de uma obra que algo *fundante*.

Esse surgimento do indivíduo moderno, simbolizado por Ulisses, em Adorno e Horkheimer, aparece de uma maneira similar a Freud: como um momento na história, que não se sabe datar ao certo, que provocou grande mudança na forma de ser do homem. Enquanto Freud fala em uma passagem do fim da era glacial, Adorno e Horkheimer falam em uma passagem de uma vida nomádica a uma vida sedentária. Já em uma situação de proto sedentarismo, é possível observar que há uma pátria para onde Ulisses planeja retornar e que teria uma função semelhante à função da consolidação da consciência: ela marca uma fronteira entre aquilo que é exterior e aquilo que é interior.

É a saudade de casa que desfecha as aventuras por meio das quais a subjetividade (cuja proto-história é narrada pela Odisseia) escapa ao mundo primitivo. O fato de que o conceito de pátria se opõe ao mito [...] constitui o paradoxo mais profundo da epopeia. É aí que se encontra sedimentada a lembrança da passagem histórica da vida nomádica à vida sedentária, que é o pressuposto da existência de qualquer pátria (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 69).

De maneira mais precisa, na Odisseia, o mito representaria a lembrança de tempos miméticos que a razão “destruiu”, ou melhor, recalaria ao inconsciente, ao ordenar o mundo de outra maneira. Essa outra maneira que a razão opera é a de ordenação das palavras que estariam separadas das coisas, diferentemente da *mimese* que sobrepõe palavra e coisa. Não à toa que a *razão* em grego está intimamente relacionada com a palavra *logos*. A situação extrema, adversa, imprevista impõe ao homem que rompa com a *repetição* e com a *mimese* a fim de superar a situação e se *autoconservar*. *Autoconservar-se* é autodominar-se, isto é, reprimir os impulsos e instintos recalar a *repetição*, relegando-a apenas ao inconsciente – já que não fará parte da consciência que está por surgir. Ulisses faz isso para superar seus desafios externos para atingir seu *propósito*. A ideia de homem expressa na Odisseia é a do triunfo de um Ego que conhece

<sup>9</sup> “O mundo pré-histórico está secularizado no espaço que ele atravessa, os antigos demônios povoam a margem distante e as ilhas do Mediterrâneo civilizado, forçados a retroceder à forma do rochedo e da caverna de onde outrora emergiram no pavor dos tempos primitivos” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 49).

suas limitações<sup>10</sup> em relação à força do mundo externo, que deve ser superada a partir da dominação de sua própria natureza interna, agindo, desta maneira, propositiva e astuciosamente. Em outras palavras, é necessário o sacrifício de si próprio para atingir a autoconservação: “Como os heróis de todos romances posteriores, Ulisses por assim dizer se perde a fim de se ganhar [...] perde-se para se conservar” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 50). Ulisses é impulsionado à repressão de seus impulsos para atingir seu objetivo, que é chegar à Pátria. Neste sentido, a repressão é denominada por Adorno e Horkheimer como *esquecimento*. *Esquecimento* de um mundo anterior e da natureza originária. Esquecimento, no sentido proposto pelos autores frankfurtianos, pode ser aproximado ao conceito de *recalque* (*Verdrängung*). Recalque para Freud ou esquecimento para Adorno e Horkheimer dizem respeito à ideia de um recalque originário, ou seja, a repressão de percepções arcaicas que dão origem ao aparelho psíquico que, a partir de então não cessará de funcionar. Formado o aparelho psíquico, Freud o conceberá como um “aparelho de memória e de linguagem”.<sup>11</sup>

Vale notar, todavia, que a racionalidade de Ulisses não é apenas o contrário da *mimese*, Ulisses várias vezes nega sua identidade para se tornar Ninguém, tanto no episódio contra Polifemo, o ciclope, quanto quando ele se torna Ninguém ao se fazer de mendigo na terra em que ele mesmo é o rei: “o sujeito Ulisses renega a própria identidade que o transforma em sujeito e preserva a vida por uma imitação mimética do amorfo” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 63). Todavia, a *mimese* empregada por Ulisses para garantir sua autoconservação é *instrumental*: meio para superar os desafios exteriores que são postos a ele.

Assim, Ulisses traz à cena o surgimento de um indivíduo que rejeita a assimilação à mimética com a natureza, a fim de constituir a si próprio de maneira consciente, em face da sua separação com o outro. Ulisses está no limiar da passagem entre o mito e o *logos*: ele não é mais um herói mítico dotado de forças mágicas divinas, mas também não é um indivíduo que só pode contar com a sua própria inteligência particular. Ele é o arauto do indivíduo moderno, é o proto burguês.

<sup>10</sup> A limitação, sobretudo, física de Ulisses em comparação com as forças que o cercam contrasta com o protagonista da epopeia anterior de Homero, A *Ilíada*, na qual Aquiles é um semideus e o mais forte dos guerreiros.

<sup>11</sup> A relação entre memória, tempo e linguagem poderá ser verificada mais adiante. A fim de compreender melhor a ideia de memória inconsciente e memória consciente, é válido dizer que nossa mente tem uma configuração binária (já que o pré-consciente seria apenas um “amortecedor” entre o domínio do inconsciente e do consciente) e em ambos domínios há a necessidade de retenção das experiências vividas por um corpo libidinal. A essa função damos o nome de memória. Fazendo uma distinção analítica, a com fins pragmáticos, pode-se dizer que há a *memória inconsciente* e a memória consciente. A *memória inconsciente* seria o âmbito do indefinido e do recalado enquanto a memória consciente seria o âmbito do definido, da aprecepção, da ressignificação, da reelaboração. Aquilo que Adorno e Horkheimer chamam de esquecimento da natureza parece ser correlato do procedimento de repressão dos instintos transformando fenômenos da experiência em recalque, portanto, *memória inconsciente*.



**A MEMÓRIA CONSCIENTE: O SURGIMENTO DO SUJEITO MODERNO E DA RACIONALIDADE**

De acordo com a hipótese de Freud, a linguagem e o tempo teriam relações estreitas com a formação dessa memória consciente e desse indivíduo moderno. A linguagem seria responsável por *atribuir sentido*<sup>12</sup> aos estímulos inconscientes, articulando diferentes vivências passadas em uma rede de sentidos nova. O sentido não é dado ao sujeito pelo próprio objeto da experiência, mas, sim, constituído na própria experiência do sujeito. Assim como as estruturas psíquicas, os sentidos possíveis veiculados aos objetos da experiência são sempre construídos social e historicamente, de modo que os sentidos se articulam e são articulados com sentidos que foram previamente sedimentados no tempo, ao longo da vivência social. O emprego da linguagem abre sempre a possibilidade do rompimento com uma situação de indiferenciação e de inconsciência, trazendo ao consciente certas vivências. Isto é, a linguagem permite a separação entre o signo e o significado, entre a palavra e a coisa. A palavra é encarregada de dar sentido aos estímulos presentes ao inconsciente ao articular essas vivências a uma rede de sentido. A linguagem é bem sucedida ao conseguir dotar de sentido a experiência. Assim, a linguagem parece ser a própria expressão e ferramenta fundamental da consciência. Nas palavras de Freud:

O que podemos chamar de representação objeto consciente pode ser agora decomposto em representação da *palavra* e a representação da *coisa*; que posteriormente consiste na *catexia* (investimento de energia mental ou emocional) senão mesmo em imagens mnemônicas diretas da própria coisa, ao menos traços remotos de memória derivados delas. Acreditamos saber agora onde reside a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. (...) a representação consciente abarca a representação da coisa somada à representação da palavra correspondente, enquanto a representação inconsciente é apenas a representação da coisa sozinha. (...) Agora podemos formular de maneira mais precisa isso que a repressão recusa, nas neuroses de transferências, e a representação rejeita: a tradução em palavras que deveriam permanecer entrelaçadas com objeto. A representação não apreendida em palavras, o ato psíquico não sobre investido, fica então atrás, no interior do inconsciente como algo reprimido (FREUD, 1984c, p. 198 – *tradução nossa*).

Os processos da memória seriam âmbitos da criação de sentido que, através da representação de palavras e sua expressão narrativa, buscam uma articulação coerente das experiências passadas no presente, uma apropriação do passado para transformar a ação presente. A integração das marcas inconscientes na consciência só é levada a cabo a partir da possibilidade dessas marcas serem representadas em palavras, senão que uma dita representação já implica em um ato criativo que integra uma experiência

<sup>12</sup> Preferimos homogeneizar a escrita e adotar apenas o termo “sentido” para o que se entende por uma concepção significativa que está ligada/ se liga a um objeto da experiência. Termo sinônimo seria, justamente, significado e seus correlatos. Seria possível nesta argumentação intercambiar os termos sem qualquer prejuízo para a compreensão.

vivida em uma rede de sentidos, outorgando novas qualidades aqueles investimentos inconscientes (FEIERNSTEIN, 2012).

Quando empregamos acima as ideias de linguagem e consciência, relacionando-as, poderia se fazer outra relação (frequentemente feita) que as associaria com a ideia de razão/racional. Cabe insistir, novamente, sobre a estreita relação existente entre linguagem e racionalidade. Ulisses, o grego, que age racionalmente, agiria conforme o *logos*, a razão/palavra em grego. Isso permite a Ulisses dissociar com sucesso as palavras e as coisas, não se confundindo com os meios que emprega para atingir seus fins antepostos. O melhor exemplo na Odisseia desse tipo de procedimento de Ulisses é no encontro com Polifemo, o ciclope. Por Polifemo pertencer ao mundo mitológico, ele está fadado à *repetição* (como já apontado anteriormente), sendo assim incapaz de dissociar o nome que Ulisses apresenta a ele, “Ninguém”, da real pessoa, Ulisses. Mas não apenas Polifemo está impossibilitado de romper esta barreira, o encanto da *repetição*, seus irmãos, que zombam dele por ter sido cego “por ninguém”, também estão. Como dizem Adorno e Horkheimer: “o ciclope Polifemo traz [...] o vestígio do mesmo mundo pré histórico” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 60.) Mas se não há a possibilidade de dissociar o nome da coisa no mito (na *mimesel na repetição*) como então o nome “Ninguém” não estava associado, para os outros ciclopes, ao homem que a proferiu? A resposta é simples, como eles não haviam tido contato com a “coisa” (no caso, Ulisses) o nome “Ninguém” estaria associado à ausência de sujeito, ao nada. Seria impossível a eles, então, vincular algo que não existe a algo que existe, mas que não se teve contato. Neste intercurso, Ulisses não perde a sua identidade ao negar sua própria existência, para um homem de *logos* era claro que dizer que aquele que diz não é ninguém seria um *absurdo*, um contrassenso lógico<sup>13</sup> e, logo, não surtiria efeito algum sobre Ulisses. Mas ao final da cena, ele volta a afirmar seu nome, não por medo de perder sua identidade, mas para explicitar quem de fato realizara tal façanha. É preciso de um nome para que haja sentido e assim reconhecimento. A linguagem permite manipular o mundo mítico, demonstrando-o e introduzindo elementos novos a ele que jamais poderiam ser previstos, já que o mito é o domínio do mesmo (da *mimese, repetição*). Na longa, porém explicativa citação a seguir:

Com dissolução histórica da linguagem: ela começa a transformar-se em designação. O destino mítico, *fatum*, e a palavra falada eram uma só coisa. A esfera das representações a que pertencem as sentenças do destino executadas invariavelmente pelas figuras míticas ainda não conhece a distinção, entre palavra e objeto. A palavra deve ter um poderio imediato sobre a coisa, expressão e intenção confluem. A astúcia, contudo consiste em explorar a distinção, agarrando-se à palavra, para modificar a coisa. Surge assim a consciência da intenção: premido pela necessidade, Ulisses se apercebe do dualismo ao descobrir que a palavra idêntica pode significar coisas diferentes. Como

<sup>13</sup> Não nos esquecendo de que a lógica faz referência ao *logos*, a razão/palavra.

o nome *Oudeis* pode ser atribuído tanto ao herói quanto a ninguém, Ulisses consegue romper o encanto do nome. As palavras imutáveis permanecem fórmulas para o contexto inexorável da natureza. [...] Ulisses descobre nas palavras o que na sociedade burguesa plenamente desenvolvida se chama formalismo: o preço de sua validade permanente é o fato de que elas se distanciam do conteúdo que as preenche em cada caso e que, à distância, se referem a todo conteúdo possível, tanto a ninguém quanto ao próprio Ulisses. [...] A astúcia da autoconservação vive do processo que rege a relação entre palavra e a coisa (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 58).

A própria fala, a linguagem em sua oposição ao canto mítico, à possibilidade de fixar na memória a desgraça ocorrida, é a lei da fuga em Homero (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p.70).

A natureza “esquecida” do Eu é possibilitada, então, pelo surgimento da consciência e da racionalidade, que implicam em novas ordenações que vão operar diretamente junto a um novo regime mnemônico. Essas ordenações não são apenas linguísticas, como temporais: “o Eu ainda está próximo do mito de outrora, de cujo seio se arrancou que o próprio passado por ele vivido se transforma para ele num outrora mítico. É através de uma ordenação fixa no tempo que ele procura fazer face a isso” (ADORNO, e HORKHEIMER, 2006, p.38). Sendo a memória uma temporalização da consciência e a linguagem a externalização dessa memória, o indivíduo moderno consciente e racional passa a operar um novo regime mnemônico, que pode ser indicado por Freud como *elaboração*. A *elaboração* não implica, necessariamente, na supressão do regime mnemônico de *repetição*, mas sim a preponderância sobre ele. Isso porque, a *repetição*, somada à *mimese* e aos instintos são apenas recalcados e relegados ao inconsciente, sendo que a consciência está sempre a resistir a esses instintos “naturais”:

O Eu, ainda encontrando dificuldades para se livrar da repressão, mesmo depois que se formou, tem o plano de abrir mão de sua resistência e podemos chamar de “trabalho de elaboração” essa fase de esforço laborioso que continua a este propósito louvável. [...] depois de cancelar a força do ego, ainda tem que superar o poder da compulsão à *repetição*, a atração dos arquétipos inconscientes ou em processo instintual reprimido e nada teria a opor, se quisessem designar esse fator como a resistência inconsciente. (FREUD, 1976b, p. 149 – tradução nossa).

Nessa fase racional e consciente do homem, portanto, o esquecimento da natureza é sempre parcial, sendo que a elaboração atuaria a fim de gerar ações críticas e dotadas de sentido, que possam, de fato, “superar o poder das resistências inconscientes”, dentre as quais estaria a *repetição*. “Esse trabalho de *elaboração* seria em si um processo histórico social e intersubjetivo. Esse trabalho de *elaboração* estaria sempre lutando para estabelecer um maior nível de autodeterminação e autonomia” (FEIERSTEIN, 2012, p.82). O trabalho de *elaboração*, portanto, é um processo racional de doação de sentido

e ressignificação, que pode ser historicamente localizado junto à formação do sujeito moderno.

Essa racionalidade, contudo, será reduzida a uma condição instrumental de domínio técnico da natureza e não será utilizada para reflexões éticas críticas ou processos de elaboração críticos. A racionalidade é convertida em racionalidade instrumental, que nada mais seria do que a transformação do pensar em cálculo visando a autoconservação. Assim, a razão, reduzida a uma condição meramente instrumental de domínio técnico da natureza se tornou um processo de dominação. Essa razão instrumental, guia das ações e dos processos cognitivos individuais, não deixa escapar de seu domínio os processos mnemônicos compreendidos pelo indivíduo moderno. Desta maneira, o trabalho de *elaboração* também seria afetado, sendo que o indivíduo teria uma memória que apenas trabalha tendo em vista determinados fins. Embora isso não esteja explícito na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno desenvolveu a questão da memória e da racionalidade instrumental em *O que significa elaborar o passado?*:

É o mesmo que dizer que a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias como a da aprendizagem. [...] Quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva de desenvolvimento (ADORNO, 2010, p.34).

Por extensão, podemos dizer que haveria também uma conversão do trabalho de *elaboração* (regime mnemônico próprio do indivíduo moderno) em uma memória instrumental, que é seletiva e que visa à manutenção da dominação social. À semelhança da memória psíquica, a memória objetivada, isto é, a cultura material e a história historicista, bem como indicou Walter Benjamin, identificaria uma série de relações causais entre diversos momentos históricos a fim de impulsionar a história para a ideia de progresso. Lembra-se apenas dos “vencedores” que teriam os próprios bens culturais como meios para a garantia da dominação social: “a presa, como de costume, é conduzida no cortejo triunfante. Chamam-na bens culturais” (BENJAMIN, 1985, p. 225).

#### **O CASO DO ANTISSEMITISMO: QUANDO FILOGÊNESE E ONTOGÊNESE SE ENCONTRAM E MEMÓRIA INCONSCIENTE E MEMÓRIA CONSCIENTE SE MANIFESTAM**

Como já foi mencionado no tópico anterior, embora o surgimento da consciência tenha dado proeminência ao trabalho de *elaboração* em detrimento da *repetição*, esta não foi completamente destruída, pois teríamos apenas parcelas de esquecimento da natureza. Sobre os indivíduos modernos e sua relação com a *repetição*, Freud explicita:

As manifestações de uma compulsão à repetição (que descrevemos como ocorrendo nas primeiras atividades da vida mental infantil) apresentam em alto grau um caráter instintual (FREUD, 1976a, p. 35 – *tradução nossa*).

Supomos que todos os processos excitatórios que ocorrem nos *outros* sistemas [que não a consciência] deixam atrás de si traços permanentes, que fundam a memória. Tais traços de memória, então, nada têm a ver com o fato de se tornarem conscientes; na verdade são mais poderosos e permanentes quando o processo que os deixou atrás de si foi um processo que nunca penetrou na consciência (FREUD, 1976a, pp. 24-25 – *tradução nossa*).

É interessante notar que embora pareça que o *esquecimento* da natureza, e com ele o *recalque* da *mimese* e da *repetição*, pareçam processos superados filogeneticamente, Freud explicita que ambos, embora cristalizados no plano histórico, devem ser reatualizados pelo plano ontogenético, já que a *repetição* e a *mimese* seriam comportamentos inerentes até mesmo à criança moderna ou ao neurótico e louco (ou seja, a todos aqueles que estão em processos de regressão). O paralelismo entre a criança e o homem primitivo vai na direção das hipóteses freudianas postas no início do trabalho e aqui vale demonstrar como ela é mais bem desenvolvida em a *Dialética do Esclarecimento*. Essa “segunda *mimese*” seria ilustrada pelos autores frankfurtianos a partir do fenômeno do antissemitismo: “essa articulação perversa de uma mimese segunda e, poderíamos dizer castradora, a uma mimese primeira e polimorfa volta com toda sua violência secreta nos fenômenos de identificação e de repulsão de massa, como são o nazismo e o antissemitismo” (GAGNEBIN, 1993, p.74). O antissemitismo seria um movimento no qual estariam contidos os “instintos primitivos negados pela civilização” (DINER, 1993, p.356). Essa segunda *mimese* perpassaria todo o fenômeno do antissemitismo, estando presente tanto nos judeus, quanto nos antissemitas. Os judeus teriam traços miméticos que foram tão rechaçados pela civilização, o que explicaria a disseminação empregada contra eles:

Os judeus são um povo pré matriarcal, cuja falta de vínculos com a terra e com um local fixo, sempre ameaçam de subversão os ideais da vida civilizada: família e trabalho. Do ponto de vista dos povos, a imagem do judeu representou uma etapa da humanidade, que ainda não conhecia o trabalho, e todos os ataques posteriores sobre o parasita, ladrões caráter dos judeus eram meras racionalizações. Aqui os judeus representam, [...] a própria recusa em se civilizar e submeter à primazia do trabalho, [...] a recordação de uma existência nômade e é, de acordo com Adorno, a origem do antissemitismo (RABINBACH, 2000, p.60 – *tradução nossa*).

Mas, ao mesmo tempo, o próprio fascismo, ao tentar combater a *mimese* e os traços de um mundo primitivo, recai, ele próprio em *mimese*: “o próprio fascismo seria um ‘mundo mimético’ [...] com as suas imagens sedutoras, rituais, símbolos – aponta

para o potencial destrutivo e enganoso de identificação mimética com a natureza” (RABINBACH, 2000, p. 57 – *tradução nossa*).

É no capítulo *Elementos do Antissemitismo* que Adorno e Horkheimer vão enfatizar a ideia do esquecimento da natureza, recalque do arcaico, a fim de elucidar a recuperação do momento de não identidade no sujeito, ou seja, de sua dimensão de natureza. Essa “memória” da natureza que foi reprimida (e, portanto, convertida em esquecimento) pelo percurso de formação da civilização e do indivíduo modernos aflora de modo perverso, com força destrutiva e repressiva sob as máscaras do antissemitismo e dos regimes totalitários (nazismo e fascismo): “o nazismo, que, ao promover uma falsa reconciliação entre espírito e natureza, entre indivíduo e sociedade, funcionalizou a ‘revolta da natureza’” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 98).

É precisamente analisando o antissemitismo que Adorno e Horkheimer conseguem ilustrar como os processos filogenéticos de repressão da natureza não estão superados e sedimentados na história, senão somente cristalizados, na medida em que devem ser, constantemente, reatualizados pelos processos ontogenéticos. O tempo primitivo, sua superação por meio da racionalidade e o progresso são desenvolvimentos que podem ser observados em curso ainda na ontogênese do homem moderno.

Esses instintos, portanto, estão fadados a dar uma aparência enganadora de serem forças tendentes à mudança e ao progresso, ao passo que, de fato, estão apenas buscando alcançar um antigo objetivo por caminhos tanto velhos quanto novos. [...] Estaria em contradição à natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado de coisas que jamais houvesse sido atingido. Pelo contrário, ele deve ser um estado de coisas *antigo*, um estado inicial de que a entidade viva, numa ou noutra ocasião, se afastou e ao qual se esforça por retornar através dos tortuosos caminhos ao longo dos quais seu desenvolvimento conduz. Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive morrer por razões *internas* (FREUD, 1976a, p. 39 – *tradução nossa*).

Não temos um retorno completo ao estado primevo, pois há uma coerção social exercida pelos “dominadores frente aos seus descendentes e subordinados e atualmente da sociedade toda sobre o desenvolvimento infantil que consolida a identidade e impede o indivíduo de entregar-se aos prazeres e à imitação” (MASSOLA, 2007, p.136). Esse retorno (ainda que parcial) ao estado primevo só é possível na medida em que a memória se coloca como uma das principais engrenagens desses processos de desenvolvimento filo e ontogenético. E como já anunciava Freud, é

[...] apenas na medida em que está em união com a comunidade como objetivo seu, que o primeiro [ontogenético] desses processos precisa coincidir com o segundo [filogenético]. [...] o indivíduo humano participa do curso do desenvolvimento da humanidade, ao mesmo tempo em que persegue o seu próprio caminho na vida [...] os dois processos de desenvolvimento, o individual e o cultural, têm de colocar-se numa

oposição hostil um para com o outro e disputar-se mutuamente a posse do terreno [...] Trata-se de uma luta dentro da economia da libido, comparável àquela referente à distribuição da libido entre o ego e os objetos, admitindo uma acomodação final no indivíduo, tal como, pode-se esperar, também o fará no futuro da civilização, por mais que atualmente essa civilização possa oprimir a vida do indivíduo. (FREUD, 1986a, p. 46 – *tradução nossa*).

Neste momento, a memória inconsciente vem à tona a partir de regimes mnemônicos de *repetição*, trazendo todos os instintos arcaicos e comportamentos miméticos para o momento presente. A um só tempo, na medida em que os instintos, a *repetição* e a *mimese* afloram, os mecanismos de recalque os reprimem, operando um novo esquecimento da natureza. No caso do antissemitismo, há a aniquilação completa dos judeus, ou seja, de tudo aquilo que remete a um passado primevo. Contudo, mesmo diante da natureza primitiva, quem está em face dela, neste momento, é o indivíduo moderno e não mais o homem arcaico. Isto é, embora a ontogênese opere processos análogos à filogênese, grande parte do desenvolvimento filogenético já foi cristalizada no indivíduo. Assim, este indivíduo moderno já é plenamente dotado de consciência e racionalidade, podendo desencadear regimes mnemônicos de *elaboração*. A memória consciente, a *elaboração*, embora pressuponha um movimento crítico, já foi convertida em uma memória instrumental, que é posta em curso para atingir determinados fins.

Todas essas questões relativas à memória, filo e ontogênese já estavam na *Dialética do Esclarecimento*, contudo, em *O que significa elaborar o passado?* (1960) e *Educação após Auschwitz* (1965), Adorno retoma a questão da memória de *elaboração* de maneira mais explícita. Em *O que significa elaborar o passado?* Adorno segue desenvolvendo a ideia de que o a *elaboração* não está sempre empregada crítica, mas sim, de maneira instrumental. A educação seria a saída apontada por Adorno para a necessária compreensão dos mecanismos de regressão que atuam no homem para o enfraquecimento da consciência. Assim, “mesmo que o esclarecimento racional não dissolva diretamente os mecanismos inconscientes – conforme ensina o conhecimento preciso da psicologia –, ele ao menos fortalece na pré-consciência determinadas instâncias de resistência, ajudando a criar um clima desfavorável ao extremismo” (ADORNO, 2010, p. 135). Com a consciência fortalecida seria possível uma *elaboração* do passado crítica e clara. Ele alerta isso vinte anos após o holocausto quando ainda tentava-se *elaborar* uma memória sobre o ocorrido, encontrando resistências para o fortalecimento de uma consciência histórica na Alemanha. Essa ausência de memória não era um trabalho do inconsciente, mas sim da consciência que operava uma memória instrumental: “apagar a memória seria muito mais um resultado da consciência vigilante do que resultado da fraqueza da consciência frente à superioridade de processos inconscientes” (ADORNO, 2010, p.33). Essa memória instrumentalizada estava como

já foi mencionado, operando para a manutenção de processos de dominação social, já que “é a lembrança demasiadamente concreta e incisiva do passado poderia prejudicar a imagem da Alemanha no exterior” (ADORNO, 2010, p.32).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto ao longo deste trabalho, o plano filogenético exerceria certa função *conformadora* do plano ontogenético. As estruturas que compõem a “unidade” psíquica do ego foram formadas ao longo do desenvolvimento histórico. Verificamos que ao mesmo tempo em que se desenvolvem as estruturas do ego, desenvolve-se a memória. Na verdade, a unidade da memória é tão unitária quanto à unidade do ego. Assim como este, são desenvolvidas *estruturas mnemônicas* que estão profundamente relacionadas com as estruturas psíquicas, diferenciando-se em função. No momento da não consciência, por exemplo, o estado (primitivo<sup>14</sup>) da memória é equivalente à *repetição*, isto é: algo inscrito no corpo e na mente, mas que não tenha passado, em momento algum, por alguma *apercepção*. Na formação do par inconsciente-consciente há algo como duas memórias paralelas que embasam as estruturas psíquicas às quais elas correspondem (ou seja, embasam o inconsciente e o consciente). A memória em seu estado inconsciente é o *recalque*, fruto da repressão dos instintos. No plano da consciência, a memória é a própria *elaboração* (ou reelaboração), estando relacionada, assim, com a linguagem e, conseqüentemente, possibilitando a razão.

Portanto, memória apareceria em Freud e Adorno e Horkheimer correlativamente como sendo *repetição - recalque – reelaboração*, correspondendo às estruturas (etapas) do Ego. Todavia, haveria a primazia da *elaboração* sobre as demais por sua especial característica de atribuição/reelaboração de significado, podendo, assim, tornar significativos recalques, traumas e hábitos à consciência – estando justamente aí a efetividade terapêutica do processo analítico.

### REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2006.

ADORNO, Theodor W. *Educação após Auschwitz*. In: ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. São Paulo: Paz e Terra. Tradução de Wolfgang Leo Maar, 2010, pp.119-139.

\_\_\_\_\_. *O que significa elaborar o passado*. In: ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. São Paulo: Paz e Terra. Tradução de Wolfgang Leo Maar, 2010, pp.169-186.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: *Obras Escolhidas*, Vol. 1, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, pp. 222-232.

<sup>14</sup> Em sentido de “estado primeiro”.



DINER, Dan. Reason and the Other: Horkheimer's Reflection on Anti-Semitism and Mass Annihilation. In.: BENHABIB, Seyla; BONSS, Wolfgang and Mc Cole, John eds. *On Max Horkheimer* Cambridge 1993.

FEIERSTEIN, Daniel. *Memorias y Representaciones*. Buenos Aires: Ed. Cafe, 2012.

FREUD, Sigmund. Mal Estar na Civilização [1930]. In.: *Sigmund Freud – Obras Completas: el porvenir de una ilusión/ el mal estar en la cultura y otras obras*. Trad. José Luiz Etcheverry Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1986a, pp.57- 140.

\_\_\_\_\_. Inibição, síntoma y angustia [1925]. In.: *Sigmund Freud – Obras Completas: presentación autobiográfica/ Inhibición, síntoma y angustia*. Trad. José Luiz Etcheverry. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1986b, pp.71-164.

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir y reelaborar (nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis. In.: *Sigmund Freud – Obras Completas: sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente (Schreber)/ Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras [1914]*. Trad. José Luiz Etcheverry. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1986c, pp. 145-158.

\_\_\_\_\_. Introducción del narcisismo [1914]. In.: *Sigmund Freud – Obras Completas: contribución a la historia del movimiento psicoanalítico/ trabajos sobre metapsicología y otras obras*. Trad. José Luiz Etcheverry Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1984a, pp.65 - 98.

\_\_\_\_\_. El yo y el ello [1923]. In.: *Sigmund Freud – Obras Completas: el yo y el ello y otras obras*. Trad. José Luiz Etcheverry Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1984b, pp.1-66.

\_\_\_\_\_. Lo Inconciente. [1915]. In.: *Sigmund Freud – Obras Completas: contribución a la historia del movimiento psicoanalítico/ trabajos sobre metapsicología y otras obras*. Trad. José Luiz Etcheverry. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1984c, pp.153-214.

\_\_\_\_\_. Más allá del principio de placer [1920]. In.: *Sigmund Freud – Obras Completas: Más allá del principio del placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras (1920-1922)*. Trad. José Luiz Etcheverry. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1976a, pp.7-62.

\_\_\_\_\_. Tres ensayos de teoría sexual y otras obras [1905]. In.: *Sigmund Freud – Obras Completas: fragmento de análisis de um caso de histeria (Dora) / Tres ensayos de teoría sexual y otras obras*. Trad. José Luiz Etcheverry. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1976b, pp.109-222.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjami *Revista Perspectivas*, São Paulo, 16: 67-86, 1993.

MASSOLA, Gustaco Martinelo. Mimese e crime em Adorno e Horkheimer: comentário sobre o "Fragmento de teoria do criminoso". *Estudos de Psicologia* 2007,12 (2), p.133-139.

MEZAN, Renato. Filogênese contra História. In.: *Freud, Pensador da Cultura*. São Paulo: Ed. Braziliense, 1995.

RABINBACH, Anson. *Why were the Jews Sacrificed?: The Place of Anti-Semitism in Dialectic of Enlightenment*. New German Critique, n.81, Special Issue on Dialectic of Enlightenment, Autumn, 2000.

---

Data de submissão: 22/08/2013

Data de aprovação: 6/11/2013

